

ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO ARTIGO DE OPINIÃO AUTORAL:  
CONFIGURAÇÃO PROTOTÍPICA

Maria Eduarda Giering

*Universidad do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)*

eduardag EM unisinos br

RESUMO

Discutem-se resultados de pesquisa que investigou a distribuição probabilística das relações retóricas de 150 artigos de opinião autorais retirados de jornais brasileiros, observando a ocorrência de vias de continuidade e de relações que se estabelecem entre níveis de informação. Adotou-se proposta de E. Bernárdez, que vincula o modelo *RST* (*Rhetorical Structure Theory*) à idéia de que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade, etiquetadas com as relações da *RST*. Verificou-se que a distribuição de vias e de relações segue critérios probabilísticos; os artigos de opinião têm configuração prototípica, em termos de sua organização retórica macroestrutural, em vista da maior probabilidade de ocorrerem determinadas vias e relações e de nenhuma probabilidade de determinadas relações acontecerem; as escolhas estratégicas do produtor podem ser consideradas como ações para assegurar o fim comunicativo do artigo de opinião no contexto prototípico do jornal.

PALAVRAS-CHAVE: texto, sistema, retórica, distribuição probabilística, prototipicidade.

## ABSTRACT

Results from a research that investigated the probabilistic distribution of rhetorical relations of 150 authorial opinion articles taken from Brazilian newspapers are discussed here, considering the occurrence of continuity means and the relations established among levels of information. Enrique Bernárdez' proposal, which links the RST model (Rhetorical Structure Theory) to the idea that the textual organization can be understood as a series of continuity means, labeled with the RST relations, was used to carry out this study. It was verified that the distribution of means and relations follows probabilistic criteria; the opinion articles have a prototypical configuration, considering their macro-structural rhetorical organization, noticed through the higher probability of occurring certain means and relations rather than other ones, which have zero probability of occurring; the producer strategic choices can be seen as actions to ensure the communicative end of the opinion article in the prototypical context of the newspaper.

**KEYWORDS:** text, system, rhetoric, probabilistic distribution, prototypicality.

## 1 Introdução

Este artigo apresenta e discute os resultados finais do projeto Organização Retórica de Textos de Opinião – O.R.T.O., no qual se procedeu à aplicação de um modelo de enfoque cognitivo de descrição de processos que permite tratar das tomadas de decisão implicadas na concepção de texto como configuração de estratégias.

Partiu-se do modelo *RST* (*Rhetorical Structure Theory*), que atribui papel e intenção a cada unidade de informação do texto, tendo em vista o que o leitor deve julgar verdadeiro, a fim de estabelecer relações entre unidades textuais. A escolha desse modelo deveu-se à proposta de E. Bernárdez (1995), que vincula a *RST* à idéia de que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade, etiquetadas com as relações da *RST*. Assumiu-se a idéia de que um tipo textual tem particularidades quanto à sua organização retórica, as quais são determinadas pelo contexto institucional da interação e pelo fim discursivo da comunicação.

Na pesquisa, procurou-se verificar como se dava a distribuição probabilística das relações retóricas dos artigos de opinião autorais, observando a ocorrência de vias de continuidade e de relações núcleo/satélite que se estabelecem entre níveis de informação nos textos do corpus. Investigou-se também a existência de uma configuração prototípica do artigo de opinião autoral, em termos de sua organização macroestrutural; a par disso, estudou-se o processo de formação do texto como ação.

Discussões relevantes se apresentam a partir dos resultados finais obtidos, especialmente as que se relacionam às noções de auto-regulação e de distribuição probabilística.

## 2 Um pouco de teoria

Para o estudo da organização retórica dos artigos de opinião autorais, partiu-se dos postulados do lingüista textual E. Bernárdez (1995), que reflete sobre a questão da passagem de sistemas simples (estáveis), como a oração, para sistemas complexos (instáveis), como o texto, e instala o problema dos modelos lingüísticos a serem utilizados para o estudo deste último. Se para a oração existem categorias universalmente aceitas – SN, SV, SP, Substantivo, etc. -, não há equivalentes para o texto. Na busca de categorias novas, próprias do sistema textual, o lingüista propõe, enfocando o estudo da organização retórica dos textos, a adoção, com adaptações, do modelo da *Rhetorical Structure Theory (RST)*.

Para Bernárdez, o estudo do texto insere-se no enfoque da linguagem como “sistema complexo, dinâmico e aberto” (1995, p. 138; 1989) da mesma forma que outros sistemas naturais. Para Bernárdez, a linguagem é um sistema

*complexo* porque está formado pela interação de numerosos subsistemas (que, por sua vez, são, em sua maioria, dinâmicos e abertos). Na linguagem, não se trata somente dos “(sub)sistemas gramaticais” (morfologia, sintaxe, pragmática, etc.), mas também da linguagem “como ferramenta” para conseguir algo, “como meio de cooperação social”, etc. *Dinâmico*, porque o fator “tempo” é fundamental: tanto a produção quanto a recepção do texto têm lugar no tempo; também o “estado mental” de P (produtor) e o “estado mental” de R (receptor) não se produz somente como uma codificação/decodificação atemporal, e sim como uma série de processos

sucessivos, isto é, temporais e que podem ir-se modificando cronologicamente. *Aberto* porque a comunicação lingüística depende sempre de fatores externos: como se sabe, a estrutura de um texto não depende somente da língua, mas também, e fundamentalmente, das características do produtor, do receptor, do meio, da situação comunicativa etc. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 138)

Assim considerando, o lingüista postula, para os processos lingüísticos, à semelhança de outros sistemas naturais, a possibilidade de enfocá-los como resultantes de uma auto-regulação. Ele salienta, porém, que, na linguagem humana, diferentemente dos sistemas naturais, o processo é consciente e teleológico, não simplesmente automático. Isso significa que, em virtude do princípio de cooperação griceano, produtor e receptor buscam alcançar o “estado ótimo” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 153), isto é, o produtor (P) deseja que o leitor/ouvinte (R) acesse o mais exatamente possível a mensagem de P ( $M_p$ ). R, por sua vez, deseja compreender com exatidão  $M_p$ . Assim, o acesso do produtor ao contexto permite-lhe receber informações e utilizá-las para a produção de seu texto, a fim de que esse se aproxime o mais possível do que P considera um texto ótimo.

Para Bernárdez, assim como existem contextos prototípicos (o jornalístico, na pesquisa realizada), há configurações textuais prototípicas, isto é, “mais prováveis e, em conseqüência, mais previsíveis” (1995, p. 157). A construção de certos tipos de texto (um conto, uma notícia, por exemplo) tem uma configuração prototípica, conseqüência da configuração ótima, produto da auto-regulação. Pode-se supor que a construção desse tipo de texto “está relativamente automatizada, precisamente por ser a mais provável” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 158).

O lingüista postula igualmente que, embora o contexto geral em que se realiza a produção/compreensão do texto seja o mesmo, devido ao caráter temporal, cronológico do processo de produção (e de recepção/compreensão) do texto, esse contexto vai-se modificando constantemente pela própria enunciação do texto. Afirma Bernárdez:

Parte do entorno geral é o conhecimento de mundo, de linguagem, etc. que possui R (e as expectativas correspondentes de P). Porém esse conhecimento se modificará necessariamente conforme se vai produzindo a emissão de  $T_p$ : dados que (P supunha que) R desconhecia vão sendo proporcionados e, em conseqüência, os

conhecimentos de R (e as expectativas correspondentes de P) serão agora distintos: mais amplas em geral, se o texto emitido até o momento já obteve êxito, para o mundo textual de que se trata. Isso implica que se modificou o contexto para P, que agora saberá (na expectativa de uma elevada margem de confiança) que determinados conhecimentos existem já em R. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 166)

As opções do produtor para a configuração do texto remetem à noção de estratégia. Bernárdez compara os processos de construção e compreensão de um texto ao processo de resolução de problemas. Afirmo ele:

Todas as atividades humanas dirigidas à solução de problemas são executadas com a utilização de procedimentos mais ou menos automatizados, que têm sempre a característica de depender do entorno e de se poder aprender. Denominam-se esses procedimentos de estratégias (BERNÁRDEZ, 1995, p. 162).

Para o linguísta, a diferença entre regra e estratégia está no seu caráter mais ou menos automatizado: “as estratégias são, em princípio, ‘livres’, ainda que em diferentes graus” (1995, p.164). Elas têm a particularidade de não serem únicas nem absolutas, acrescenta ele. As regras, por sua vez, são automáticas. Esse automatismo é possível em níveis estritamente locais do texto como, por exemplo, o sintático, o morfológico e o fonológico. Conforme se desce da ordem global para a mais local do texto, o caráter estratégico da construção textual vai dando espaço à aparição de regras cada vez mais automatizadas. Porém é impossível, sustenta Bernárdez, estabelecer “regras” de construção de textos. O automatismo das regras não cabe para o texto, pois sua formação é excessivamente complexa ao estar intimamente relacionada ao contexto. O texto é um sistema aberto.

Assume-se, assim como Bernárdez (1995, p. 184), que o texto é “algo que se faz”, ou seja, considera-se o processo de formação do texto como uma “ação”. Também leva-se em conta que, para que os textos possam ser julgados de mesmo tipo, deverá haver semelhança entre as mensagens que se transmitem e os contextos em que se produz a interação, isto é, “deverão “fazer” aproximadamente o mesmo em contexto aproximadamente iguais”. No entanto, ainda que os textos tratem de um mesmo tema e tenham uma intenção comum, a adequação ao leitor, a fim de obter “suficiente êxito”,

implica a necessidade de optar por diferentes estratégias de configuração para a obtenção do texto ótimo naquele contexto de interação.

De acordo com a concepção do processo de formação do texto como ação, o produtor textual “faz algo” com o intuito de que o leitor/ouvinte “creia” em algo, “faça algo” etc. Para conseguir esse objetivo, deve eleger, entre as numerosas possibilidades que se lhe oferecem, as formas de “macroestruturar” seu texto, de organizá-lo ou de compô-lo. Essa eleição, afirma Bernárdez (1989), se dará de acordo com o que ele pensa mais adequado para alcançar seu objetivo (por exemplo, que o leitor creia no que ele, produtor, afirma). Para isso, o produtor tem, a sua disposição, um conjunto de estratégias textuais que lhe servem para estruturar o texto da forma que lhe parece a mais adequada. Na verdade, o produtor cria (macro)estruturas, aplicação que não se dá “mecanicamente”, como é o caso das regras da gramática oracional. Saliente-se que Bernárdez assume a definição de macroestrutura de van Dijk:

No nível da descrição, já não se consideram, na primeira instância, as conexões entre orações individuais e suas proposições, mas as conexões que se embasam no texto como um todo ou, pelo menos, em unidades textuais maiores. Chamaremos macroestruturas essas estruturas do texto mais globais. [...] A hipótese em que nos baseamos como ponto de partida diz: unicamente as seqüências de orações que possuem uma macroestrutura serão denominadas (teoricamente) de textos (Van DIJK, 1989, p. 54-55)

Para dar conta da macroestruturação do texto, Bernárdez opta pelo modelo oferecido pela *Rhetorical Structure Theory (RST)*, desenvolvida por um grupo de lingüistas norte-americanos encabeçados por William Mann e Sandra Thompson. Organização retórica e macroestruturação são conceitos semelhantes para Bernárdez, que se decide finalmente pelo emprego do termo “retórica”, conforme a *RST*. A concepção de retórica, como já se referiu anteriormente, postulada por Mann e seus colaboradores (1992), é a de que as estruturações das relações no texto refletem as opções de organização e de apresentação do produtor. Subjaz aqui o pressuposto de que o texto é uma organização estrutural e de que é possível descrever que tipos de partes o compõem e os princípios de organização dessas partes no texto como um todo.

A *RST* oferece um modelo de enfoque cognitivo e de descrição de processos que permite tratar das tomadas de decisão do produtor implicadas na concepção de texto como configuração de estratégias e possibilita, de forma probabilística, prever as estratégias de formação do texto num nível macroestrutural.

Enfocando a questão da probabilidade, é fundamental afirmar que estão aqui envolvidos alguns postulados básicos sobre a linguagem. Entre eles, destaca-se:

Os fenômenos da linguagem não são deterministas, mas de natureza basicamente estocástica. É impossível, em consequência, predizer de maneira exata os enunciados que se produzirão num contexto determinado. É também probabilística a predição dos enunciados possíveis em contextos-tipo (BERNÁRDEZ, 1995, p. 93).

Salienta-se, sobremaneira, a natureza probabilística dos fenômenos lingüísticos. Não é possível predizer 100% a forma que adotará um texto, ou explicar de maneira totalmente irrefutável a forma tomada por um texto. O que se pode fazer é “predizer qual a forma mais provável para um texto determinado em condições determinadas, mas jamais podemos assegurar plenamente que não surja algo distinto.”(BERNÁRDEZ, 1989, p. 112).

É sob essa perspectiva que se adota o modelo da *RST*, a fim de dar conta das relações entre níveis de informação do texto. A idéia é a de que o texto é construído a partir de objetos entre os quais se estabelecem relações de determinadas classes, da mesma forma como na gramática oracional, destacando-se relações de dois tipos fundamentais: de “subordinação” e de “coordenação”. No texto, essas relações se especificam em relações (a) semânticas e (b) pragmáticas. As primeiras “enlaçam semanticamente partes do texto” (BERNÁRDEZ 1989, p. 113); as segundas são estabelecidas conscientemente pelo produtor para conseguir que o leitor/ouvinte “faça algo”. Observe-se que o lingüista, ao relacionar categorias da oração às do texto, postula uma configuração fractal da linguagem:

de um ponto de vista cognitivo, a organização da linguagem é a mesma em cada nível, ou seja, não se trata de níveis independentes. Desde os fonemas até o texto, temos um contínuo que se vai modificando e adotando configurações diferentes, à

medida que a influência do contexto se acentua. Em termos dos sistemas de auto-regulação, relaciona-se à maior abertura do sistema (BERNÁRDEZ, 1995, p. 193).

Tais partes ou unidades se organizam em núcleo (equivalente à proposição principal) e satélite (equivalente à proposição subordinada), pressupondo que um texto é formado por dois níveis básicos de informação: o que contém a informação mais importante proporcionada pelo produtor, e o que encerra a informação secundária, ou seja, a informação que auxilia na compreensão, na aceitação da informação principal. As relações postuladas pela *RST* são: (a) de Apresentação - antítese, capacitação, concessão, evidência, fundo, justificativa, motivação, preparação, reformulação, resumo; (b) de Conteúdo - alternativa, causalidade, circunstância, condição, elaboração, avaliação, método, não-condicional, propósito, resultado, solução; (c) Multinucleares - contraste, lista, reformulação, seqüência, união.

Essas relações estruturais são funcionais, pois a característica que todas partilham é a de apresentarem categorias de efeitos produzidos ou de intenções do produtor. Por exemplo, a relação de “justificativa” procura aumentar a inclinação do leitor para aceitar que o produtor apresente a informação nuclear; a relação de “concessão” visa a aumentar a atitude positiva do leitor frente à informação nuclear e, assim, cada uma das relações. Essas relações podem ser descritas especialmente em termos de objetivos do produtor e de suposições do produtor sobre o leitor.

A análise realizada a partir do modelo da *RST* atribui, dessa forma, um papel e uma intenção a cada unidade de informação do texto, conferindo razão de existência a cada elemento, tendo em vista “o que o leitor de um texto deve julgar verdadeiro com o fim de estabelecer a relação entre as unidades textuais” (MANN, 1999, p. 7).

Bernárdez propõe a utilização do modelo *RST* vinculado à idéia de que a organização textual pode ser entendida como “uma série de vias ou opções de continuidade, etiquetadas com as relações apresentadas pela *RST*” (1995, p. 85). Trata-se das vias Apresentativa, Hipotática e Paratática, que correspondem às categorias Apresentação, Conteúdo e Multinuclear da *RST*.

A via Apresentativa conduz a uma seqüenciação dirigida a proporcionar ao leitor informação que assegure a compreensão ou a aceitação do que foi enunciado pelo produtor do texto. As vias Hipotática e Paratática envolvem enlaces semânticos de



partes do texto. O que diferencia as duas vias é a importância dos elementos relacionados. Na Hipotática, identifica-se uma informação nuclear e uma secundária. Na Paratática, que conduz a uma seqüenciação com o objetivo de proporcionar informações novas, sem desenvolver conteúdos anteriores, as informações relacionadas são similares em termos de importância para os fins discursivos do produtor textual.

Sobre a natureza das unidades que compõem as relações, tanto para Mann e Thompson (2001) quanto para Bernárdez (1995), essa unidade mínima será determinada pelo objetivo da análise: podem ser orações, parágrafos ou até mesmo capítulos de um livro; o que importa, segundo Mann e Thompson (2001, p. 10), é que seja possível atribuir a cada unidade “um papel no texto, principalmente pela reunião das partes do texto, conforme as relações, e pelo reagrupamento dessas partes em segmentos”.

Um ponto fundamental a ser ainda tratado diz respeito ao papel do observador-analista. O observador deve, em primeiro lugar, conhecer as categorias de análise proporcionadas pelo modelo. Ele examina o texto e encontra combinações consistentes de unidades e de relações que compreendem o texto inteiro. A expressão completa que melhor explicita cada uma das conclusões do observador é: “é plausível ou crível, do ponto de vista do observador, que foi verossímil do ponto de vista do produtor que escreveu o texto que <a conclusão> é certa” (MANN; THOMPSON, 1988). A principal motivação para a organização e detalhamento das relações é permitir o processo de observação em todos os casos.

### 3 Metodologia de análise

A pesquisa que se realizou teve como *corpus* 150 artigos de opinião autorais retirados de jornais brasileiros: Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Zero Hora, Correio do Povo.

Para a análise, instituiu-se como unidade mínima uma ou mais seqüências consecutivas (compostas de uma frase, de um parágrafo ou de um conjunto de parágrafos) reduzíveis a uma macroproposição. Considerando os objetivos a que se propôs a pesquisa, não se contemplaram as relações entre cláusulas, como procede a *RST*. Saliente-se, porém, que, num texto, coexistem vários níveis de relações e a estrutura núcleo-satélite vai-se repetindo em todos eles, de modo que, para cada nível,

tem-se um núcleo (informação principal) com seus satélites (informação secundária ou subordinada ao núcleo), que, por sua vez, podem ser analisados em um novo núcleo com seus satélites, e assim sucessivamente.

O estudo dos textos realizou-se em duas etapas, uma quantitativa e outra qualitativa. Resumidamente, na etapa quantitativa, segmentou-se o texto em unidades cujo conteúdo pode ser reduzido a uma macroproposição e identificou-se a informação nuclear e a secundária no segmento textual. Para isso, consideraram-se: (a) o fim comunicativo do artigo; (b) a relação das informações entre si (articulação núcleo/satélite); (c) a relação do segmento com o todo do texto. Após, fez-se o levantamento da opção de continuidade (via e relação) pela qual decidiu o produtor, de acordo com o julgamento do leitor-observador. Realizada essa etapa, anotou-se em planilhas o processo de observação do leitor-analista para verificação das incidências de vias e relações em cada segmento do *corpus*.

Na etapa qualitativa, enfocaram-se os dados obtidos na etapa quantitativa, em cada segmento, a fim de verificar se houve distribuição probabilística de vias e de relações que permitissem afirmar a existência de uma configuração prototípica. Relacionaram-se também os resultados quantitativos da incidência de vias e de relações às ações empreendidas pelo produtor textual para alcançar seus objetivos (o que o produtor textual “faz”). Enfocaram-se as ações recorrentes do produtor textual para verificar que estratégias predominaram nos textos e que efeitos elas produziram.

Observe-se a análise realizada do artigo *Ecos de Gramado*, de José Pedro Goulart, publicado em 26 de agosto de 2004, no jornal Zero Hora:

O filme, eu lembro bem, era *Faca de Dois Gumes*, de Murilo Salles, e estava em debate um dia depois da sua apresentação, no Festival de Gramado de 1989. Foi então que a professora Dórothy, participante antiga e assídua dos debates do festival, levantou a mão na intenção de fazer uma pergunta. Depois de comentar o filme, inclusive elogiando, como era do seu feitio, ela perguntou ao Murilo se as cenas de sexo não eram exageradas, apelativas. Ao lado dela, o marido, também assíduo dos debates, acompanhava tudo, mas como sempre, calado, sem se manifestar. Antes mesmo de o diretor responder, e talvez farejando um apoio da platéia, um rapaz tomou o microfone; discursou na defesa do filme e ainda completou no final que "essa coisa de reclamar de cenas de sexo era típico de senhoras malcomidas". Silêncio. Platéia constrangida. Foi então que, pela primeira vez em muitos anos - posso testemunhar porque estive em quase todos -, o marido da professora Dórothy

pediu a palavra. Levantou-se, e de microfone em punho, voz firme e decidida, começou a falar. Explicou que sempre vinha a Gramado para fazer companhia a esposa, que gostava muito de cinema. Também disse que ia aos debates "mais para ouvir do que falar" e completou, quase solene: "e quanto essa história de senhoras malcomidas, eu só queria dizer que o meu nome é Ruy Galo". A palavra "galo" foi pronunciada depois de uma pausa, distanciando-a da que a precedeu: "Ruy... Galo". O auditório veio abaixo, numa ovação interminável.

Existem muitas outras histórias, boas como essa, que aconteceram nos debates de Gramado. Nem todas engraçadas, é verdade. Mas, de todo modo, discutiam-se muito os filmes e seja quem fosse que estive por lá era melhor que soubesse o que estava falando, ou então vinha chumbo. Porém agora os debates, mercê da peruíce que o festival se transformou, ficaram num plano secundário. Sem polêmica, sem discussão, e especialmente sem a presença de jovens realizadores (dormindo até tarde?), os debates perderam sua importância histórica.

Os cineastas importantes estão cada vez mais distantes do festival. Ou porque o prêmio ande desacreditado e signifique pouco na carreira de um filme (mas não a perda), ou porque o festival parece querer se transformar num evento da revista *Caras*. Em razão disso, na noite de encerramento, o Palácio dos Festivais viu-se invadido por políticos e patrocinadores. Todo mundo querendo uma beiradinha no evento. De modo que a platéia estava lotada, mas eu posso jurar que só uns 30% era gente de cinema. Gente, aliás, na maioria, sentada no chão, uma vez que as confortáveis poltronas do cinema foram obsequiadas às autoridades que, afinal, como me disse uma moça da produção "é quem está pagando aquilo tudo". Para não sentar no chão tive que arrancar o papel da cadeira onde estava escrito o nome de um figurão do ministério. Espero que isso não traga prejuízo ao festival.

Saudade da professora Dórothy e do seu Ruy Galo. Saudade dos melhores filmes, e realizadores em Gramado; da disputa, da busca estética, da discussão ideológica. Tá certo, vendiam-se menos roupas de malha e chocolate caseiro, nem tudo é perfeito.

Em *Ecos de Gramado*, o fim discursivo do produtor é criticar os atuais debates que acontecem no Festival de Cinema de Gramado, colocados agora em segundo plano.

Para dar conta desse objetivo, o produtor opta por iniciar o artigo pela via Apresentativa, relação de Preparação. Ele narra seu testemunho de uma sessão de debate de um filme de Murilo Salles, *Faca de Dois Gumes*, ocorrida em 1989. Com esse procedimento, busca sensibilizar o leitor para que este se sinta interessado pelo tema em discussão. Isso explica a escolha de uma história engraçada como a da professora

Dórothy e seu marido Ruy Galo. Ao mesmo tempo, o relato traz informação que possibilitará ao produtor realizar as críticas sobre o estado atual dos debates no Festival de Gramado. O leitor poderá comparar o evento do passado, quando os debates estavam em primeiro plano e o público participava efetivamente deles, com aquilo que o caracteriza no presente. A história contada compõe o satélite da relação de Preparação, cujo núcleo está no segundo parágrafo: “agora os debates, mercê da peruíce que o festival se transformou, ficaram num plano secundário. Sem polêmica, sem discussão, e especialmente sem a presença de jovens realizadores (dormindo até tarde?), os debates perderam sua importância histórica”.

Observa-se que o produtor parece considerar possível uma contestação a essa posição sobre o Festival, o que o leva a trazer argumentos que tornam, sob sua perspectiva, sua tese incontestável. Tem-se, aqui, a opção pela relação de Evidência, da via Apresentativa. O produtor parte, assim, para a descrição do que, segundo ele, tem caracterizado os eventos do Festival. Trata-se de uma descrição subjetiva que focaliza a transformação do Festival num evento para o desfile de políticos e patrocinadores, não havendo lugar para debates instigantes. Parece ser expectativa do produtor que o leitor, ao contatar com esses argumentos, aumente sua aceitação na tese, vindo a aderir a ela. Considerando a relação de Evidência que caracteriza esse movimento realizado pelo produtor, tem-se o núcleo na apresentação da tese (2º parágrafo) e o satélite na exposição dos argumentos (3º parágrafo).

Para finalizar o artigo, o produtor procura realizar uma avaliação sobre o que foi exposto na relação de Evidência. Dessa forma, encerra dizendo de sua saudade - ou da ausência atualmente - dos bons filmes e realizadores, da disputa, da busca estética e da discussão ideológica que caracterizavam os antigos festivais. O efeito da Avaliação é produzir, no leitor, o reconhecimento do valor que ele, produtor, dá ao fato apresentado na relação de Evidência. Trata-se da via Hipotática, pois a avaliação que consta do último parágrafo se faz sobre a informação indispensável do núcleo da relação (a descrição do Festival atual).

O artigo do crítico José Pedro Goulart organiza-se, pois, em três partes, identificando-se três relações entre as informações núcleo-satélite: Preparação e Evidência, da via Apresentativa, e Avaliação, da via Hipotática. A primeira é

prospectiva (do satélite para o núcleo); a segunda e última são retrospectivas (do núcleo para o satélite).

#### 4 As formas prováveis do artigo de opinião autoral

Na pesquisa empreendida, ao se verificar como se dava a distribuição probabilística das relações retóricas de cada um dos artigos do *corpus*, observando a ocorrência de vias de continuidade e de relações núcleo/satélite que se estabelecem entre níveis de informação, buscou-se investigar a existência de uma configuração prototípica do artigo de opinião autoral, em termos de sua organização macroestrutural.

Vejam-se os dados que seguem, relativamente à incidência de vias e relações no *corpus*, retirados dos resultados gerais da etapa quantitativa da pesquisa:

- incidência predominante da via Apresentativa (56% das relações), seguida, em menor grau, da via Hipotática (42%) e da Paratática (2%);
- abertura dos textos predominantemente com a via Apresentativa (84% dos artigos) e fechamento com a via Hipotática (71,3% dos artigos);
- abertura dos textos predominantemente com as relações de Preparação (52 ocorrências), Evidência (31), Fundo (22) e Justificativa (20), da via Apresentativa;
- se o artigo inicia com a relação de Preparação, seguem-se predominantemente as relações de Avaliação (13 ocorrências), Evidência (11) e Justificativa (11).
- se o artigo inicia com a relação de Evidência, seguem-se predominantemente as relações de Avaliação (18 ocorrências) e Solução (6).
- se o artigo inicia com a relação de Fundo, seguem-se predominantemente as relações de Evidência (8 ocorrências), Avaliação (6) e Solução (2).
- se o artigo inicia com a relação de Justificativa, seguem-se predominantemente as relações de Avaliação (9 ocorrências), Solução (2), Justificativa (2), Evidência (2) e Reformulação (2).
- abertura dos textos, em menor grau, com a via Hipotática, por meio da relação de Circunstância (15 ocorrências).
- se o artigo inicia com a relação de Circunstância, seguem-se predominantemente as relações de Evidência (6 ocorrências), Avaliação (5) e Justificativa (3).

- fechamento dos textos com as relações de Avaliação (83 ocorrências) e Solução (21), da via Hipotática, principalmente, ou com as relações de Evidência (17), Reformulação (7), Preparação (5), Justificativa (4) e Fundo (4), da via Apresentativa, em menor grau.
- composição dos artigos: 42% são compostos de duas relações e 38,6%, de três relações;
- incidência significativa de determinadas relações em seqüência: Preparação – Evidência (12), Preparação – Avaliação (14), Preparação – Justificativa (11), Evidência – Avaliação (33), Justificativa – Avaliação (23), Fundo – Evidência (9), Circunstância – Evidência (5), Circunstância – Evidência (5), Avaliação – Solução (6);
- nenhuma incidência das relações de Lista, Capacitação, Método, Motivação, Propósito, Resultado.

Os dados evidenciam a ligação estreita entre o tipo textual em estudo e as opções do produtor. Como os artigos de opinião têm como fim o fazer-creer, ocorre incidência decisiva da via Apresentativa, a qual tem por finalidade estreitar os laços entre Produtor – Texto – Leitor para envolver esse último, com o objetivo de obter sua adesão ao ponto de vista defendido no artigo. A incidência de relações também se vincula às particularidades do tipo artigo de opinião. Se não ocorre, por exemplo, a relação de Motivação – própria de tipos textuais ligados à modalidade da petição, relacionados ao fazer-fazer -, há grande incidência de relações cujo efeito é o de envolver o leitor ou de aumentar sua atitude positiva para aceitar ou para melhor compreender posições tomadas pelo produtor no decorrer do texto.

Salientam-se, também, nos resultados quantitativos, algumas recorrências de relações em seqüência, as quais indicam a regularidade de certas opções do produtor e sua ligação com o tipo textual em questão. Por exemplo: a relação de Preparação, que ocorre na maioria dos casos no início do texto, vem geralmente seguida ou de Evidência, ou de Avaliação ou de Justificativa. Isso significa que, após envolver o leitor por meio da informação situada no satélite da relação de Preparação, o produtor apresenta sua posição sobre o tema em discussão. Se ele, ao expor essa opinião, avalia que deve trazer argumentos (fatos contundentes que se impõem por si), os quais têm a função de levar o leitor a considerar crível o que é sustentado no núcleo, ocorre a seqüência Preparação-Evidência. O par Preparação-Avaliação tem lugar quando o produtor, ao apresentar um fato no núcleo da Preparação, decide avaliá-lo ou interpretá-

lo. A dupla Preparação-Justificativa acontece quando, após expressar uma posição no núcleo da Preparação, o produtor procura trazer argumentos que o livrem da censura sobre sua disposição em crer em algo, isto é, ele prevê uma possível contestação de sua posição e considera necessário sustentar, de alguma forma, seu direito de dizer, na medida em que sua posição pode não ser consensual.

Freqüentemente, após as duplas Preparação-Evidência e Preparação-Justificativa ocorre a relação de Avaliação ou Solução, da via Hipotática, ou uma Reformulação, da via Apresentativa. Os dois casos marcam um movimento retrospectivo no texto. O satélite da relação de Avaliação avalia ou interpreta o que foi apresentado na relação de Evidência ou de Justificativa, ou traz uma avaliação do conjunto do que já foi dito no artigo, geralmente fechando-o. Acontece a relação de Solução quando a relação de Evidência ou a de Justificativa caracteriza um problema (satélite) cuja sugestão de solução se segue no núcleo. Avaliação e Solução inserem-se na via Hipotática, porque o satélite da Avaliação depende do que foi afirmado no núcleo, e o leitor reconhece a avaliação pelo conjunto da relação N + S.

Na verdade, verifica-se que o produtor tem, a sua disposição, várias possibilidades de organização do texto para o cumprimento de seu fim discursivo. No artigo de opinião, ele atualiza a(s) que permite(m) a ele, por um lado, promover a “participação mental” (Perelman; Tyteca, 1996, p. 18) do leitor, de modo a levá-lo à adesão à tese sustentada, e, por outro, a desenvolver raciocínios de implicação de conteúdos.

Os dados quantitativos também mostram que as vias e as relações não se sucedem deterministicamente, mas seguem critérios probabilísticos, isto é, não se consegue prever a forma exata como os artigos se organizarão. É possível apenas prever as formas mais prováveis que tomará o artigo de opinião autoral no contexto jornalístico. Ainda assim, pode-se sustentar que os artigos de opinião autorais têm uma forma prototípica. A ocorrência ou não de determinadas relações assim como a pouca incidência de algumas delas relacionam-se exatamente com essa configuração.

É possível dizer que os fatores que determinam as escolhas de vias e de relações mais prováveis são predominantemente de ordem externa, contextual. Os artigos de opinião autorais são textos veiculados em contexto jornalístico (contexto institucional prototípico) e caracterizam uma atividade argumentativa, a qual ocasiona algumas ações

necessárias do produtor para a organização de seu texto, visando ao fazer-criar. Esses fatores agem sobre a formação desse tipo de texto, caracterizando sua prototipicidade. No entanto, o fato de o produtor adotar estratégias variadas para o fazer-criar, conforme seu cálculo das variáveis de contexto (por exemplo, tema do artigo, conhecimentos de mundo provável do leitor-tipo etc.), levam à impossibilidade de uma predição exata da estrutura que o texto irá adotar a cada vez.

Ainda assim, verifica-se, pelos resultados da pesquisa, que as opções de “macroestruturar” o artigo de opinião são limitadas. O produtor deve optar, entre as possibilidades que a ele se oferecem, pela vias e relações que caracterizem as ações necessárias para a sustentação de uma opinião e/ou para o envolvimento do leitor, de acordo com o contexto institucional prototípico no qual ele se encontra. É por isso que, no nível macroestrutural do artigo de opinião, certas relações entre informações básicas do texto não ocorrem. É devido a isso também que algumas vias acontecem em número reduzido e outras incidem sobremaneira.

Contrastivamente, conforme Mann e Thompson (1992) e também Bernárdez (1995), sabe-se que, em outros tipos de texto (por exemplo, a notícia ou o pedido de contribuição financeira para entidades assistenciais), as incidências de vias e relações diferem das encontradas no artigo de opinião, já que as ações demandadas do produtor textual para o cumprimento do fim comunicativo dos textos são diferentes. Mann e Thompson mostram, por exemplo, no tipo de texto “pedido de contribuição financeira para entidades assistenciais”, que as ações do produtor se relacionam ao fim comunicativo “fazer-fazer”, concentrando-se, dessa forma, suas ações na tarefa de motivar o leitor para a contribuição. Além disso, em pesquisa em andamento sobre a organização retórica de textos de divulgação científica, verifica-se que as opções do produtor por vias e relações são mais restritas do que as observadas nos artigos de opinião, incidindo, a maioria dos artigos, na seqüência Preparação/Resumo/Fundo/Elaboração/Comentário, tendo em conta o fim discursivo de fazer-saber de resultados de pesquisas científicas para um público leitor de revistas de divulgação científica e de cadernos de ciência de jornais brasileiros.

Na verdade, o produtor busca sempre alcançar o “estado ótimo” do seu texto, isto é, no caso do O.R.T.O., busca assegurar o cumprimento do fim comunicativo do artigo de opinião, o de fazer crer que sua opinião é “verdadeira”; em outras palavras,



busca “fazer” a coerência do texto para o cumprimento do fim comunicativo, num contexto determinado.

## 6. Considerações finais

Os resultados do projeto O.R.T.O. contribuem para se pensar o texto como “uma ferramenta para alcançar um fim” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 184), ou seja, como uma “ação”. Essa perspectiva permite abordar o texto sob o viés cognitivo e apresenta uma maneira distinta de se pensar o fenômeno da textualização. Eles também se inserem na discussão atual sobre a linguagem como sistema aberto, complexo e dinâmico, trazida especialmente por Bernárdez. Evidencia-se que o texto, como configuração de estratégias, é sensível ao contexto e que, por isso, caracteriza-se como sistema aberto. A abordagem do texto, por meio da teoria dos sistemas, é algo ainda bastante incipiente. Os resultados do projeto O.R.T.O. mostram, porém, que as investigações nessa área precisam ser aprofundadas, a fim de que se aperfeiçoem os estudos do texto na perspectiva sistêmica.

Um dos pontos-chave que se coloca nessa discussão é o da estabilidade estrutural que acontece quando, em situações semelhantes (embora não iguais), se produzem textos que se assemelham estruturalmente. Propõe Bernárdez a possibilidade de se postular “um certo nível de invariância, uma certa estabilidade estrutural, um certo estado de equilíbrio nos produtos lingüísticos produzidos, em situações de interação ou situações comunicativas” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 113). Ele remete essas invariâncias à tipologia de textos, isto é, a “formas mais ou menos estereotipadas ou, melhor ainda, prototípicas que adotam os textos em situações de comunicação.” (id, ib).

Os dados da pesquisa mostram que, embora as vias e as relações entre unidades de informação do texto não se repitam da mesma forma a cada vez, ocorrem certas invariâncias. Isso fica demonstrado pela alta incidência de determinadas vias e relações núcleo/satélite; pelo fato de muitas dessas relações ocorrerem sistematicamente em seqüências pares ou trios; por ser a maioria dos artigos composta de não mais de duas ou três relações macroestruturais; pela não ocorrência de certas relações no *corpus*. Ou seja: a prototipicidade do artigo de opinião autoral, conforme se observou no *corpus*,

está relacionada à maior probabilidade de ocorrerem determinadas vias e relações e a nenhuma probabilidade de ocorrem certas relações núcleo/satélite entre informações do texto.

Os resultados do O.R.T.O. conduzem à reflexão sobre a organização do texto no contexto dos sistemas dinâmicos. Tudo leva à confirmação de que o texto é um sistema não-linear, já que é sensível a variações mínimas nas condições iniciais e apresenta um comportamento aleatório. As ocorrências parecem se suceder de forma caótica, porém observa-se um padrão reconhecível, ainda que nunca estático. Conforme o cálculo do produtor textual sobre o leitor do artigo de opinião, os conhecimentos de mundo que o produtor imagina que o leitor possua, o tema a ser discutido etc., o texto tem início por determinada relação núcleo/satélite. Subseqüentemente a essa primeira relação, ocorre uma distribuição probabilística e não determinística de determinadas relações.

Coloca-se a questão sobre como tratar esse fenômeno da emergência de uma relação núcleo/satélite que leva a uma seqüência probabilística de outras relações sucessivas. Viu-se, no *corpus*, que a ocorrência inicial de uma relação de Preparação, por exemplo, leva, predominantemente, ou à Evidência, ou à Avaliação ou à Justificativa como segunda relação, embora ocorram, em número sensivelmente reduzido, também relações de Causalidade, de Solução e de Reformulação.

Na verdade, a pesquisa empreendida instala algumas discussões, as quais se relacionam, especialmente, ao postulado do texto como sistema aberto e à relação entre tipologia de textos e estabilidade estrutural. Este estudo pretende contribuir para a discussão sobre os métodos adequados para estudar a linguagem (da qual o texto é “unidade de uso”), considerando-se esta como sistema aberto, dinâmico e complexo.

#### Referências bibliográficas

- BERNÁRDEZ, E. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.
- BERNÁRDEZ, E. Las macroestructuras textuales como objeto del estudio lingüístico. *Actas de las I Jornadas e lengua y Literatura Inglesa y Norteamericana*. Logroño: Colegio Universitario, 1989. p. 107-119.
- GOULART, José Pedro. 2004. Ecos de Gramado. *Zero Hora*. Porto Alegre, 26 ago.

- MANN, W.C. e THOMPSON, S.A.. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. *Text* 8, v. 3, 1988. p. 243-281.
- MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S. A.. Rhetorical Structure Theory and Text Analysis. In: MANN, W.C. & THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam, John Benjamins. 1992. p. 39-77.
- MANN, B. *Introducción a la Teoría de la Estructura Retórica* (Rhetorical Structure Theory: RST), agosto 1999. Atualizado em setembro 2000. Referência obtida na Internet <<http://www.sil.org/~mannb/rst/spintro.htm>>. Acesso em 8 de julho de 2004.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A.. Deux perspectives sur la théorie de la structure rhétorique (RST). *Verbum*. Nancy, Université de Nancy, v. 23, n. 1, 2001. p. 9-29.
- PERELMAN, C. E OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Van DIJK, Teun A. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1989.